

O grau zero da escritura: Roland Barthes em *Combat*

Fúvia Fernandes Pereira¹

Introdução

ROLAND BARTHES FOI UM DOS MAIS IMPORTANTES CRÍTICOS DO SÉCULO XX. Sua obra é atravessada por reflexões sobre a linguagem que visam ao direito a uma certa fala, indireta e epistemologicamente heterogênea. Em agosto de 1947, na página literária do jornal cotidiano *Combat*, publica “O grau zero da escritura”, artigo nada jornalístico que daria origem a seu primeiro livro, de mesmo título e lançado em 1953. A convite de Maurice Nadeau, responsável pela seção literária do jornal, Barthes ensaia uma crítica literária nada convencional, nada acadêmica, ao lado de grandes escritores, colaboradores do jornal da resistência francesa. Albert Camus, Pascal Pia, André Gide, Raymond Aron e André Breton são algumas das figuras que garantiram o êxito do periódico. A contribuição de Barthes foi pontual, mas decisiva para a publicação de sua primeira obra e para o reconhecimento de seu trabalho de crítico-escritor.

Com intertítulo-advertência de Maurice Nadeau, seu artigo de “estreia” aparece em 1º de agosto de 1947:

Roland Barthes é desconhecido. É um jovem; nunca publicou sequer um artigo. Algumas conversas com ele nos persuadiram que este fascínio da linguagem (há dois anos, ele só se interessa por essa questão) tinha algo de novo a dizer. Enviou-nos o artigo abaixo, que não é nem de longe um artigo de jornal, tanto o pensamento é denso e sem um pitoresco exterior. Pensamos que os leitores de *Combat* não nos condenarão por tê-lo publicado mesmo assim.²

Mesmo entre a intelectualidade parisiense, foi recepcionado como um escritor árduo e difícil.³ Nadeau dizia que os manuscritos de Barthes estavam “acima do nível do jornal, que no entanto era um jornal de intelectuais”.⁴ Em resposta às críticas dos leitores, Barthes publica outro artigo em setembro de 1947, sob o título “É preciso matar a gramática?”, que seria compilado nas *Obras Completas*⁵ como “Responsabilidade da gramática”.

¹ Mestranda em Literatura e Vida Social no Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo n° 2021/08057-8. E-mail: fuvia.fernandes@unesp.br.

² Tradução nossa. No original: “Roland Barthes est inconnu. C’est un jeune ; il n’a jamais publié, même un article. Quelques conversations avec lui nous ont persuadé que cet enragé du langage (depuis deux ans, il ne s’intéresse qu’à cette question) avait quelque chose de neuf à dire. Il nous a remis l’article ci-dessous, qui n’est pas, de loin, un article de journal, tant la pensée en est dense et sans pittoresque extérieure. Nous pensons que les lecteurs de *Combat* ne nous en voudront pas de l’avoir tout de même publié”. NADEAU, M. In: BARTHES, R. Le degré zéro de l’écriture. *Combat*, Paris, 1º ago. 1947, ano 6, n. 954, p. 2. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4749455q/f2.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

³ CALVET, L. J. *Roland Barthes: uma biografia*. Tradução de Maria Ângela Villela da Costa. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 97.

⁴ Ibidem.

⁵ Com organização e edição de Éric Marty, as *Obras Completas* (2002) foram publicadas em uma edição corrente, em cinco volumes, pela editora francesa *Éditions du Seuil*.

Entre novembro e dezembro de 1950, também na página literária de Nadeau, em uma passageira coluna intitulada “Por uma linguagem real”, Barthes publica cinco artigos: “Triunfo e ruptura da escritura burguesa”; “O artesanato do estilo”; “A escritura e o silêncio”; “A escritura e a fala”; e “O sentimento trágico da escritura”; que integrariam seu livro de 1953. Em agosto e setembro de 1951, Barthes contribui com “O tempo da narrativa” e “A terceira pessoa do romance”, que originariam “A escritura do romance”, texto que compõe a primeira parte de *O grau zero*. Todos são intervenções de Barthes em direção a uma nova crítica literária que ganharia seu espaço, e as devidas querelas com a crítica acadêmica, a partir da publicação de *O grau zero da escritura* (1953) e *Mitologias* (1957); neste, as expressões culturais mais cotidianas são tratadas com uma seriedade sem precedentes, naquele, Barthes constrói uma mitologia da linguagem literária. Exemplo fulgurante dessa nova crítica é a publicação de *Crítica e Verdade*, de 1966, resposta à réplica de Raymond Picard⁶ a seu trabalho *Sobre Racine*, de 1963, e a seus *Ensaio Críticos*, de 1964.

O grau zero é oferecido aos leitores como uma “Introdução ao que poderia ser uma História da Escritura”.⁷ Saído das páginas de um jornal, os ensaios publicados em livro no ano de 1953 são permeados por um vocabulário muito particular, já experimentado nos artigos enviados a Nadeau, e apoiados em linguagens muito caras aos intelectuais do período, o existencialismo de Sartre, o marxismo e a linguística. Com todo o frescor de um crítico que deseja escrever, Barthes insiste firmemente na problemática da linguagem, na diferenciação entre o falar e o escrever e na história das formas literárias; sempre em profunda ligação com a História, que ele faz questão de grafar com inicial maiúscula. Esboçaremos, neste trabalho, uma leitura dos artigos publicados em *Combat* e da edição *princeps* de *O grau zero*,⁸ a fim de perscrutar permanências e deslocamentos empenhados por Barthes em sua breve história da linguagem literária.

I

O artigo de 1º de agosto de 1947, apesar de anunciado como seu texto de estreia, não foi sua primeira publicação. Sua verve crítica e seu interesse pela literatura já figuravam no período em que ficou no sanatório *Saint-Hilaire-du-Touvet*, instituição ligada à Universidade de Grenoble, que contava com uma ótima biblioteca e uma intensa vida cultural. Em *Cahiers de l'étudiant*, publica seu primeiríssimo artigo, “Cultura e tragédia”, no início de 1942. Em *Existences*, revista da Associação dos Estudantes do Sanatório, de periodicidade trimestral, entre 1942 e 1945, publica um artigo sobre o “Prazer nos clássicos”, tema que persistiria até seu último curso no *Collège de*

⁶ Um dos mais importantes estudiosos da obra de Jean Racine na França, Raymond Picard foi professor da Sorbonne, romancista e crítico literário; publicou, em 1965, *Nouvelle critique ou nouvelle imposture*, texto que polemiza com as três leituras que Barthes faz da obra raciniana em seu livro *Sur Racine*, de 1963.

⁷ BARTHES, R. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 120.

⁸ Neste trabalho, utilizaremos, para fins de citação, a tradução em língua portuguesa de *O grau zero da escritura* de Anne Arnichand e Álvaro Lorencini, publicada pela Editora Cultrix em 1974, excetuando-se os trechos que não estão no livro; pois é sempre preferível lançar mão de uma tradução já consolidada em vez de realizar uma tradução própria, que, em nosso caso, só poderia ser amadora. Consultamos a primeira edição em francês, lançada em 1953 pela *Éditions du Seuil*, e os artigos publicados em *Combat* em 1947 e 1950, disponíveis em Gallica/Biblioteca Nacional da França.

France, um texto sobre música,⁹ “uma resenha de sua viagem à Grécia, uma ‘Nota sobre André Gide e seu diário’, uma resenha de um filme de Bresson, *Anjos do pecado*, e uma crítica de *O estrangeiro*, de Albert Camus.¹⁰ Este último, “Reflexão sobre o estilo de *O estrangeiro*”, de 1944, guardaria “a primeira ‘receita’ de *O grau zero da escritura*, a primeira reflexão sobre a escritura ‘branca’”.¹¹

Em “O grau zero da escritura”, seu primeiro artigo para o jornal *Combat*, Barthes, de saída, mobiliza o termo neutro, o termo-zero, do filólogo dinamarquês Viggo Brøndal, para tecer seus primeiros comentários sobre a escritura:

Pode-se discernir em alguns escritores de hoje a busca de uma escrita neutra, de um estilo em grau zero, de uma espécie de estado inerte da forma. Uma comparação emprestada da linguística poderá dar conta deste fato novo: sabe-se que alguns linguistas, como o dinamarquês Viggo Brøndal, estabelecem entre os dois termos de uma polaridade (singular-plural, pretérito-presente) a existência de um terceiro termo, termo neutro ou termo zero; assim, entre os modos subjuntivo e imperativo, o indicativo aparece-lhes como uma forma amodal.¹²

O “grau zero” aparece no título e é retomado na pequena introdução do artigo para dizer de uma ausência que aponta um estado de “solidificação progressiva”¹³ da escritura literária, um dos argumentos centrais de seu primeiro livro. A partir do estilo de Camus, tema já trabalhado em *Existences*, Barthes esboça sua reflexão sobre as formas literárias sem hereditariedade, sobre a escritura branca, em grau zero, que poderíamos traduzir como uma obra literária sem Literatura, como uma tentativa de se chegar ao nó primordial de um fazer literário que não se quer mais *signico* e produto de um dilaceramento da consciência burguesa. Argumento retomado em “Triunfo e ruptura da escritura burguesa” e amparado na compreensão do caráter histórico da escrita literária.

Conforme lemos os ensaios que compõem *O grau zero*, vemos os temas do artigo que lhe deram origem espalhados e desenvolvidos com o objetivo de argumentar “que não existe Literatura sem uma Moral da linguagem”.¹⁴ Percebemos as ideias de Sartre em elipse, subentendidas nos conceitos de Liberdade, Moral (que em Barthes é Moral da Forma), Responsabilidade e Engajamento, funcionando mais como estrutura do que como referência direta, escolha diversa da que faz em 1947. No subtópico do artigo de 1º de agosto, “A tentativa de Sartre”, Barthes escreve que “a preocupação de engajar sua obra devia levar Sartre ao uso de uma escritura neutra e inocente, que permitisse atuar, totalmente, o comprometimento de seu pensamento, sem o embarçar em um

⁹ SAMOYVAULT, T. *Roland Barthes: biografia*. Tradução de Sandra Nitri e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora 34, 2021. p. 174-181.

¹⁰ CALVET, L. J. *Roland Barthes: uma biografia*. Tradução de Maria Ângela Villela da Costa. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 67.

¹¹ *Ibidem*.

¹² Tradução nossa. No original: “On peut discerner chez certains écrivains d’aujourd’hui la recherche d’une écriture neutre, d’un style au degré zéro, d’une sorte d’état inerte de la forme. Une comparaison empruntée à la linguistique rendra peut-être assez bien compte de ce fait nouveau : on sait que certains linguistes, comme le Danois Viggo Brøndal, établissent entre les deux termes d’une polarité (singulier-pluriel, prétérit-présent) l’existence d’un troisième terme, terme neutre ou terme zéro ; ainsi, entre les modes subjonctif et impératif, l’indicatif leur apparaît comme une forme amodale”. BARTHES, R. Le degré zéro de l’écriture. *Combat*, Paris, 1º ago. 1947, ano 6, n. 954, p. 2. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4749455q/f2.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

¹³ BARTHES, R. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. 2. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 119.

¹⁴ *Ibidem*, p. 120.

comprometimento acessório, o de modo ou estilo”.¹⁵ Sartre, por sua vez, está amadurecendo seu pensamento sobre a arte de escrever. Os artigos que comporiam seu livro de 1948, *Que é a literatura?*, aparecem na revista *Les Temps Modernes* no mesmo ano em que Barthes publica seus primeiros artigos em *Combat*.

A noção de responsabilidade “que dá início ao projeto [de *O grau zero*], apesar da autonomia que ganha com relação a Sartre ao se tornar responsabilidade da forma literária”,¹⁶ guarda uma luta e uma unidade com o universo sartreano, na medida que, para Barthes, quando há a recusa de se falar da forma, há também uma recusa de se falar da escolha – questão central para o existencialismo de Sartre. Acreditamos que essa seja a crítica barthesiana mais contundente ao *Que é a literatura?* e ao conceito de Moral da filosofia existencialista. Para Barthes, a língua não é um instrumento, é uma Natureza, o limite e o horizonte de uma possibilidade, nascemos nela e, portanto, não a escolhemos. Essa crítica à recusa de se falar da forma e o deslocamento de alguns conceitos sartreanos para pensar a escrita aparecem em “O que é a escritura?”, ensaio que abre a primeira parte de *O grau zero*:

O horizonte da língua e a verticalidade do estilo desenham, [...] para o escritor, uma natureza, pois ele não escolhe nenhum dos dois. A língua funciona como uma negatividade, o limite inicial do possível; o estilo é como uma Necessidade que vincula o humor do escritor à sua linguagem.¹⁷

Ainda nesse ensaio, Barthes remarca que “em toda e qualquer forma literária, existe a escolha geral de um tom, de um etos, [...] e é precisamente nisso que o escritor se individualiza claramente porque é nisso que ele se engaja”.¹⁸ Assim, “o ‘grau zero’ é a fórmula que permite repensar engajamento e responsabilidade de outra maneira, não na dialética da totalização, como um Sartre, mas ao contrário, na dialética totalmente aberta de uma utopia oferecida à literatura”.¹⁹ Esse debate já aparece nos artigos enviados ao jornal *Combat*, mas ganha maior força em 1953, tanto pelo desdobramento de algumas questões linguísticas, que levaram Barthes a diferenciar radicalmente a escrita da fala, quanto por explicitar, após o processo de organização dos artigos e de composição do livro, a noção de responsabilidade da forma e, portanto, de escritura.

O estranhamento dos leitores, alguns inclinando-se à admiração, outros à objeção, implica Barthes na publicação do artigo “É preciso matar a gramática?”, de 26 de setembro. Temos, novamente, um intertítulo de Nadeau; dessa vez, com aspecto de lembrete-informativo:

Nossos leitores se lembram do artigo anterior de Roland Barthes: “O grau zero da escritura” (*Combat*, 1º de agosto). Ele valeu a seu autor e à redação uma abundante correspondência. No artigo abaixo, Roland Barthes, negligenciando seus admiradores, responde a alguns de seus opositores.²⁰

¹⁵ Tradução nossa. No original: “Le souci d’engager son oeuvre devait amener Sartre à l’usage d’une écriture neutre et comme innocente, qui laissât jouer à fond la compromission de sa pensée, sans l’embarrasser d’une compromission accessoire, celle de la manière ou du style”. BARTHES, R. Le degré zéro de l’écriture. *Combat*, Paris, 1º ago. 1947, ano 6, n. 954, p. 2. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4749455q/f2.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

¹⁶ MARTY, É. *Roland Barthes, o ofício de escrever*. Tradução de Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Difel, 2009. p. 129.

¹⁷ BARTHES, R. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. 2. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 123.

¹⁸ Ibidem, p. 124.

¹⁹ MARTY, É. *Roland Barthes, o ofício de escrever*. Tradução de Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Difel, 2009. p. 130.

²⁰ Tradução nossa. No original: “Nos lecteurs se souviennent du précédent article de Roland Barthes : « Le degré zéro de l’écriture » (« *Combat* », 1^{er} août). Il a valu à son auteur et à la rédaction une abondante correspondance. Dans l’article ci-

Barthes aproveita o espaço no jornal para desenvolver uma reflexão sobre o processo de transformação da língua em estrutura, processo que só se consolidaria na França, em meados do século XVII, com a publicação das *Observações sobre a língua francesa* (1647), de Claude de Vaugelas, e da *Gramática de Port-Royal* (1660), por Antoine Arnauld e Claude Lancelot.²¹ É a partir desse momento que, para Barthes, é possível pensar a escritura; quando a língua não mais vacila em se apresentar como uma negatividade, como uma estrutura fortemente constituída.²² Seu argumento se move do mito de origem da escritura clássica no século XVII, à sua ruptura em meados do século XIX, com o nascimento das escrituras modernas. Estas, ligadas ao dilaceramento da consciência burguesa e à multiplicidade das classes sociais: “Tantas gramáticas quanto grupos sociais”; aquela, apegada a uma escrita e a uma gramática únicas, e com uma exigência de universalidade: “O francês clássico, linguagem de um grupo poderoso”; conforme vai tecendo Barthes nos subtópicos do artigo.

Em “Transferência da literatura”, ainda no artigo de 26 de setembro, Barthes chega em um ponto que só pode significar um impasse da história da escritura. O que se desenha é um nó górdio, pois, para criar uma linguagem particular, o escritor moderno precisa negar a universalidade burguesa, precisa se colocar como um detrator da própria Literatura. Em resposta à problemática da forma literária, o escritor só poderia assumir ou negar o que existia antes dessa pluralidade das escrituras se instaurar. Entretanto, algo dessa escritura clássica, “uma parte forçosamente convencional da linguagem literária”,²³ resiste à eliminação por ser seu lugar completamente seguro: a narração. Assim, “multiplicam-se os processos para arrancar a narração de seu invólucro fatal de literatura”.²⁴

A linguagem clássica, instrumental, ornamental e relacional é confrontada com a problemática da escritura, e “a literatura tende a dispersar-se e a fugir de si mesma, ou pelo menos a deslocar-se. O escritor começa a trapacear com a linguagem que lhe dá sua condição e suas tradições”.²⁵ Há, nesse momento, uma tendência à descrição, à densificação ou solidificação da linguagem literária. A exemplo de Flaubert: a escritura “vale o trabalho que tiver custado”.²⁶ Desde seu primeiro artigo de 1947, Barthes se pergunta se um escritor como Camus poderia escapar à flaubertização da literatura, à condição trágica de seu aprisionamento à tradição.²⁷ É também essa questão que guia o deslocar de seu pensamento sobre a escritura em *O grau zero*; o fenômeno identificado, anunciado na introdução do livro, é o da *concreção*, uma literatura que é cada vez mais forma, objeto.

dessous, Roland Barthes, négligeant ses admirateurs, répond à certains de ses contradicteurs”. NADEAU, M. In: BARTHES, Roland. Faut-il tuer la grammaire? *Combat*, Paris, 26 set. 1947, ano 6, n. 1001, p. 2. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4749502x/f2.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

²¹ *Gramática geral e razoada contendo os fundamentos da arte de falar, explicadas de modo claro e natural*, mais conhecida como *Gramática de Port-Royal*.

²² BARTHES, R. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. 2. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 148.

²³ Tradução nossa. No original: “[...] une part forcément conventionnelle du langage littéraire [...]”. BARTHES, Roland. Faut-il tuer la grammaire? *Combat*, Paris, 26 set. 1947, ano 6, n. 1001, p. 2. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4749502x/f2.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

²⁴ Tradução nossa. No original: “[...] on multiplie les procédés pour arracher la narration à sa gangue fatale de littérature”. Ibidem.

²⁵ Tradução nossa. No original: “[...] la littérature tend à se disperser et à se fuir, ou en tout cas, à se déplacer. L’écrivain commence à tricher avec le langage que lui livre sa condition et ses traditions”. Ibidem.

²⁶ BARTHES, R. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. 2. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 152.

²⁷ Ibidem, p. 154.

As ideias barthesianas a respeito da situação da escrita literária na França durante o século XIX, momento que “viu progredir esse fenômeno dramático da concreção”, aparecem na pequena introdução do artigo “É preciso matar a gramática?”:

Não há muito tempo, a literatura ainda era considerada um artesanato. Equiparado a um trabalhador no quarto (miradouro de Hugo, quarto de Flaubert, gabinete de Valéry de madrugada), o escritor dispunha de um instrumento especial, a gramática francesa, com o qual ele deveria trabalhar sua forma como uma matéria plástica. A gramática representava um elemento técnico salutar numa ordem de produção da qual se começava a entrever a possível gratuidade. Escrever bem era ao mesmo tempo garantir um certo resultado e sacrificar-se a um determinado trabalho.²⁸

O que Barthes aponta é um estado histórico da escritura, quando a literatura passa a ser encarada como objeto de um fazer, o escritor pode ser visto como um artesão e a escritura como um valor-trabalho. Essas ideias são retomadas em diversas ocasiões, tanto em seu livro de estreia quanto nos artigos que seriam enviados ao jornal *Combat* em 1950 e 1951.

II

Na segunda parte de seu livro, Barthes conserva os títulos de quatro dos cinco artigos publicados em *Combat* em 1950, com exceção de “O sentimento trágico da escritura”, que é substituído por “A utopia da linguagem”, texto que encerra o volume de 1953. Os artigos de 1950 saem em uma breve coluna e compõem uma série; indicada pelo título-geral da coluna, “Por uma linguagem real”; pela numeração dos textos; e pela indicação de sua sequência. Esse conjunto retoma algumas das reflexões apresentadas em 1947 e avança na explicitação do sentido da literatura, de sua duração. As modificações empenhadas por Barthes nos ensaios que compõem *O grau zero* caracterizam duas reviradas, “da literatura em ‘escritura’ [...] e da escritura em ‘grau zero’”,²⁹ já manifestadas em *Combat*.

Anunciada por outra advertência de Maurice Nadeau, a série de artigos é iniciada em 9 de novembro de 1950:

Roland Barthes deu-nos em 1947 um artigo que fez data e suscitou comentários: “O grau zero da escritura”. Desde então, continuou suas pesquisas sobre o estilo, a escritura, a linguagem, sobre as relações que têm entre si e com a História.

São temas de reflexão um pouco sevxeros. Mas porque pensamos que eles não desencorajariam muito os leitores desta página, pedimos a Roland Barthes que tentasse aplicar o resultado de suas pesquisas à situação atual da nossa literatura, que tentasse fazer dela uma síntese.

²⁸ Tradução nossa. No original: “Il n’y a pas longtemps, la littérature était encore considérée comme un artisanat. Assimilé à un travailleur en chambre (belvédère de Hugo, chambre de Flaubert, cabinet de Valéry au petit matin), l’écrivain disposait d’un instrument spécial, la grammaire française, avec lequel il était censé travailler sa forme comme une matière plastique. La grammaire représentait un salutaire élément technique dans un ordre de production dont on commençait à entrevoir la gratuité possible. Bien écrire, c’était à la fois s’assurer d’un certain résultat et sacrifier à un certain travail”. BARTHES, Roland. Faut-il tuer la grammaire? *Combat*, Paris, 26 set. 1947, ano 6, n. 1001, p. 2. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4749502x/f2.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

²⁹ MOTTA, L. T. da. Roland Barthes e seus primeiros toques de delicadeza minimalista. Sobre *O grau zero da escritura*. *ALEA*, vol. 12, n. 2, p. 233-247, jul./dez. 2010, p. 235.

Entregou-nos uma série de cinco artigos, cuja publicação iniciamos hoje. Não nos escondeu que, obrigado a esquematizar suas opiniões e a aumentar as linhas, espera que eles sejam discutidos. Avisou-nos também que se limitava, nestes artigos, ao estudo da prosa e de sua evolução.³⁰

Em “Triunfo e ruptura da escritura burguesa”, Barthes retoma as ideias do último artigo de 1947. Mantém o tom político e remarca que, com o triunfo da escritura burguesa, seu período clássico, há uma imobilização da forma literária; ao passo que, sua ruptura, localizada em torno de 1850, significaria a multiplicação das escrituras na modernidade. Algumas das características dessa ordem clássica da escritura seriam, em se tratando de prosa, a narração, a terceira pessoa do singular e o passado simples. Ergia-se, então, um “universo autárquico” construído para o Romance e para a História “no próprio século que viu o maior desenvolvimento de ambos”.³¹ Esses signos todo-poderosos da Literatura, e sua estreita relação com a História, são assinalados em “A escritura do romance”, penúltimo texto da primeira parte do livro de 1953, e nos artigos enviados ao jornal em 1951.

Os fatos políticos de meados do século XIX assinalam uma nova situação histórica para a burguesia. A Literatura não pôde passar ilesa a esse processo, pois a consciência feliz do escritor, que conservava cautelosamente uma escritura una e instrumental, foi se dilacerando juntamente com a escritura de sua ideologia. Há, nesse momento, a fundação de um trágico da literatura, que diz também de uma fissura inédita na ideologia burguesa. Se, até então, era essa própria ideologia que mensurava o universal, ela passa a conviver com outras ideologias possíveis. A escritura burguesa, que perdurou três séculos sem cisão, também passa a coexistir com outras escrituras possíveis. “Cada uma é uma tentativa de resposta a esta problemática órfica da Forma moderna: escritores sem Literatura.”³²

Não obstante a produção de partes inéditas para a composição do livro, Barthes conserva quase a totalidade do artigo de 9 de novembro em sua versão para *O grau zero*. A parte inicial desse artigo é também desenvolvida em 1953 em “O que é a escritura?”, texto que dá início à primeira parte do livro. Essa repetição significa uma insistência no tema do mito contemporâneo, focalizado, em seus primeiros textos, tendo em vista a compreensão da linguagem literária. Há uma afluência de linguagem sartreana e de linguagem marxiana, além dos termos tomados de empréstimo da linguística, mas com o intuito de propor uma nova reflexão sobre a responsabilidade do escritor; o fato novo é que essa responsabilidade se coloca frente à linguagem.

Em 16 de novembro, vem a público “O artesanato do estilo”, o segundo artigo da série. Esse texto aparece em *O grau zero* com algumas supressões pontuais e pouquíssimas mudanças lexicais, e recupera as ideias já apresentadas em “É preciso matar a gramática?”, de 1947. Assim como a versão para o livro, o artigo começa com uma citação de

³⁰ Tradução nossa. No original: “Roland Barthes nous a donné en 1947 un article qui a fait date et suscité des commentaires : « Le degré zéro de l'écriture ». Depuis, il a poursuivi ses recherches sur le style, l'écriture, le langage, sur les rapports qu'ils ont entre eux et avec l'Histoire. / Ce sont là thèmes de réflexion un peu sévères. Mais parce que nous avons pensé qu'ils ne rebuteraient trop les lecteurs de cette page, nous avons demandé à Roland Barthes d'essayer d'appliquer le résultat de ses recherches à la situation actuelle de notre littérature, de tenter d'en faire le point. / Il nous a remis une série de cinq articles, dont nous entreprenons aujourd'hui la publication. Il ne nous a pas caché qu'obligé de schématiser ses vues et d'en grossir les traits, il s'attend à ce qu'elles soient discutées. Il nous a également prévenu qu'il s'en tenait, dans ces articles, à l'étude de la prose et de son évolution”. NADEAU, M. In: BARTHES, R. Triomphe et rupture de l'écriture bourgeoise. *Combat*, Paris, 9 nov. 1950, ano 9, n. 1975, p. 4. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4750477s/f4.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

³¹ BARTHES, R. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. 2. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 133.

³² *Ibidem*, p. 150.

Valéry: “A forma custa caro”, um epítome dos argumentos tecidos por Barthes em sua breve história das formas literárias. A ideia do escritor como um “trabalhador no quarto” reaparece nas duas versões de “O artesanato do estilo”:

Começa [...] a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pole e engasta a sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando neste trabalho horas regulares de solidão e esforço [...].³³

O artigo tem como tema principal a transformação do valor de uso da forma literária em um valor-trabalho, a constituição da Literatura como um objeto e da escritura como um artesanato. Para Barthes, “Flaubert, com maior rigor, fundou essa escritura artesanal”.³⁴ A Literatura, então, passa a valer como um trabalho muito árduo, pois a forma literária, até então um bem-comum, vai se particularizando e seu labor vai se constituindo como “o signo e a propriedade de uma corporação”.³⁵ Se na escritura clássica só o pensamento poderia ser visto como individual, na escritura artesanal, a forma também passa a ser produto de uma alteridade.

O que vai se desenhando é uma verdadeira história da escritura burguesa, de seu triunfo à sua ruptura, como anuncia o título do artigo que dá início à série. Depois de “O artesanato do estilo”, publica-se “A escritura e o silêncio”, de 23 de novembro de 1950. Em *O grau zero*, esse texto é precedido por “Escritura e revolução”, que não aparece em *Combat*. Seu motivo é a escritura realista produzida na França, sobretudo por Maupassant, Zola e Daudet. Para Barthes, o realismo socialista francês, essa “escritura bem comportada dos revolucionários”,³⁶ como a de Roger Garaudy e André Stil, retomaria a escritura do realismo burguês; seria tão imperturbável à ordem quanto a escritura artesanal, “situada no interior do patrimônio burguês”.³⁷

No terceiro artigo da série, Barthes trata de um outro momento do fenômeno de *solidificação progressiva da escritura*, sua travessia em direção à intransitividade e ao estado neutro da forma. A desintegração da linguagem, operada especialmente por Mallarmé, que “só pode levar a um silêncio da escritura”,³⁸ e o estilo de *O estrangeiro* de Camus, que inaugura uma escritura branca – já assinalada em *Existences* e em seu primeiro artigo em *Combat* –, são as manifestações de um “esforço de libertação da linguagem literária”.³⁹ Em Mallarmé, o silêncio é um assassinato adiado, como diz Barthes, é uma linguagem órfica, “é a Literatura levada [...] às portas de um mundo sem Literatura”.⁴⁰ A fala transparente de Camus realizaria um estilo da ausência e reaveria, no interior das escrituras modernas, “a condição primeira da arte clássica: a instrumentalidade”.⁴¹ Ambos estão em embate com a linguagem literária, Mallarmé resiste por eliminação da expressão, por agrafia, Camus, por esvaziamento e transparência.

Na versão para o livro, Barthes inclui em “A escritura e o silêncio” quase toda a introdução do artigo de 1º de agosto de 1947 que reproduzimos acima – texto que inaugura a utilização barthesiana do termo neutro ou termo

³³ Ibidem, p. 152.

³⁴ Ibidem, p. 153.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem, p. 158.

³⁷ Ibidem, p. 159.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem, p. 160.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Ibidem, p. 161.

zero – e retoma o exemplo típico do processo de redução da escritura a um “estado neutro e inerte da forma”,⁴² o estilo da ausência de *O estrangeiro* de Camus. Por optar pela não explicação e pelo não julgamento das obras, Barthes suprime alguns termos utilizados na primeira versão do artigo, talvez por seu tom parecer laudatório, e se refere às obras de Mallarmé e Camus eliminando, ao máximo, qualquer juízo de valor. Assim, onde se lê “O mais escritor dos revolucionários da forma, Mallarmé, espécie de Hamlet da escritura [...]”⁴³ e “Essa fala transparente, levada à perfeição em *O estrangeiro* de Camus [...]”⁴⁴, lê-se, na segunda versão, “Mallarmé, espécie de Hamlet da escritura [...]” e “Essa fala transparente, inaugurada por *O estrangeiro* de Camus [...]”.⁴⁵

Em “A escritura e a fala”, penúltimo artigo da série, Barthes está atento a um momento “em que o escritor acompanha as linguagens realmente faladas, não mais a título pitoresco, mas como objetos essenciais que esgotam todo o conteúdo da sociedade, a escritura toma como lugar de seus reflexos a fala real dos homens”.⁴⁶ Apesar das inclusões realizadas no ensaio de 1953, um parágrafo em que Barthes insiste na dimensão trágica da escolha do escritor e uma rápida menção a Victor Hugo, o fundamental se mantém. O escritor evocado é Marcel Proust, que teria Barthes como um leitor assíduo e lembrante. Essa leitura de Proust guardaria um desejo, o de escrever, como declarou o crítico em mais de uma oportunidade.⁴⁷ Balzac, Céline e Queneau também figuram no artigo de 7 de dezembro de 1950. Para Barthes, são momentos em que a escritura assume as linguagens particulares de uma sociedade dilacerada pela inconciliação das classes – essa luta que move a História e, portanto, a própria linguagem literária.

Contudo, “foi preciso esperar Proust, talvez, para que o escritor confundisse completamente certos homens às suas linguagens”. Até então, haveria uma utilização decorativa, um “mimetismo divertido do pitoresco, [que, mesmo assim,] acabou por exprimir todo o conteúdo da contradição social”,⁴⁸ como parece ser o caso de Balzac e Hugo. O artigo retém a ideia apresentada no título geral da série de 1950, pois o que está em jogo nessas escrituras baseadas na fala social é “a apreensão de uma linguagem real”.⁴⁹ É, portanto, a própria diversidade social que multiplica as escrituras. A escritura, essa realidade formal entre uma negatividade, a língua, e uma necessidade, o estilo, é a única passível de escolha; pois a “Forma é a primeira e a última instância da responsabilidade literária, e é porque a sociedade não se reconcilia que a linguagem, necessária e necessariamente dirigida, institui para o escritor uma condição dilacerada”.⁵⁰

O artigo de 14 de dezembro de 1950, “O sentimento trágico da escritura”, que encerra a série, parece indicar uma fatalidade da Literatura. Contudo, é uma fatalidade necessária, que solicita a História, que incorpora à

⁴² Ibidem.

⁴³ Tradução nossa. No original: “Le plus écrivain des révolutionnaires de la forme, Mallarmé, sorte d’Hamlet de l’écriture [...]”.

⁴⁴ Tradução nossa. No original: “Cette parole transparente, portée à sa perfection dans l’Étranger de Camus [...]”. BARTHES, R. L’écriture et le silence. *Combat*, Paris, 23 nov. 1950, ano 9, n. 1987, p. 4. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k47504890/f4.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

⁴⁵ Idem. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. 2. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 160-161.

⁴⁶ Ibidem, p. 163.

⁴⁷ MOTTA, L. T. da *Roland Barthes: uma biografia intelectual*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2011. P. 124-131.

⁴⁸ BARTHES, R. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. 2. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 163.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Ibidem, p. 164.

linguagem literária a imagem histórica do homem e, por isso, pode se constituir como linguagem real. “Em suma, a literatura moderna incide sobre dois objetos: o homem essencial ou o homem histórico.”⁵¹ É na possibilidade de escolher esse objeto que uma Literatura nova pode se instaurar e o escritor, enfim, pode ultrapassar o mito clássico do homem essencial, abrindo em si o processo de uma nova linguagem. Porém, não pode fazê-lo sem se deparar com uma contradição: a Literatura lhe é imposta como um ritual,⁵² como um conjunto de práticas constitutivas da reprodução de sua própria linguagem.

Em sua incursão pela linguagem literária, Barthes transforma o sentimento trágico da escritura em utopia da linguagem, ensaio que encerra *O grau zero*. A escolha lexical não nos parece fortuita, pois ao passo em que constata a dimensão trágica da Literatura, como só fosse possível ao escritor renunciá-la, “precipita-se para uma linguagem sonhada cujo frescor [...] representaria a perfeição de um novo mundo adâmico, em que a linguagem não mais seria alienada”.⁵³ As escrituras modernas teriam a possibilidade de ultrapassar essa Literatura una e essencial.

III

No ano de 1951, Barthes envia mais dois artigos ao jornal, “O tempo da narrativa”, que aparece em 16 de agosto, e “A terceira pessoa do romance”, de 13 de setembro. Esses textos seriam recolhidos no livro de 1953 como “A escritura do romance”, texto que compõe a primeira parte de *O grau zero*. Apesar de Barthes não mencionar na introdução de seu livro de estreia os textos enviados ao jornal *Combat* em 1951 (cita apenas os artigos de 1947 e 1950), eles são claramente retomados. Boa parte da redação e os temas abordados no jornal – o passado simples (o tempo da narrativa) e a terceira pessoa do singular (a terceira pessoa do romance) – são conservados em “A escritura do romance”, texto que trata das estreitas relações entre o Romance e a História, do narrar como uma escolha histórica e do passado simples como “pedra angular da Narrativa”.⁵⁴

Os artigos de 1951 têm por objetivo assinalar, levando em conta aspectos linguísticos e sociológicos, os signos responsáveis por realizar o chamado romance tradicional (aquele de pretensões universais e apegado a uma escritura única). Para Barthes, o passado simples e a terceira pessoa do singular (*il*) são manifestações formais de uma mitologia do romance, “parte de um sistema de segurança das Belas-Letras”.⁵⁵ Na versão unificada e organizada para compor *O grau zero*, Barthes acrescenta uma reflexão sobre a escolha, comum à História e ao Romance (as grandes narrativas do século XIX), pela narração, apontando que os signos que garantem o fato romanescos têm o propósito de ordenar o caos encontrado na realidade, retirar da vida toda a sua complexidade e igualar o falso ao verdadeiro.

⁵¹ Tradução nossa. No original: “En bref, la littérature moderne porte sur deux objets : l’homme essentiel ou l’homme historique”. BARTHES, R. Le sentiment tragique de l’écriture. *Combat*, Paris, 14 dez. 1950, ano 9, n. 2005, p. 7. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4750507g/f5.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

⁵² Idem. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. 2. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 166.

⁵³ Ibidem, p. 167.

⁵⁴ BARTHES, R. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. 2. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 133.

⁵⁵ Ibidem, p. 134.

O Romance e a História narrada têm por finalidade comum alienar os fatos: o passado simples é o próprio ato de posse da sociedade no tocante ao seu passado e ao seu possível. Ele institui um contínuo crível mas cuja ilusão é alardeada; ele é o termo último de uma dialética formal que vestiria o fato irreal com roupagens sucessivas de verdade e, depois, de mentira denunciada.⁵⁶

Atenta à escritura burguesa, a leitura barthesiana vai, pouco a pouco e sem se amparar em uma cronologia linear, traçando uma breve história da escrita do romance – que ganharia, a partir do século XIX, seu lugar no arsenal das formas literárias. Como expressão de um fechamento do literário e da ordem social, o Romance recorre a uma pessoa e a um passado sem existência e sem espessura, signos que o constituem e o impõem como arte, como criação. “O Romance é uma Morte; faz da vida um destino, da lembrança um ato útil, e da duração um tempo dirigido e significativo. Mas essa transformação só pode verificar-se aos olhos da sociedade. É a sociedade que impõe o Romance [...]”⁵⁷

Aproximando as dimensões estética e ideológica da sociedade que produziu essa “estável” forma literária, Barthes propõe uma correlação entre “certa mitologia do universal própria da sociedade burguesa”⁵⁸ e certa mitologia da linguagem literária. Para o texto que sairia em *O grau zero*, “A escritura do romance”, escreve três inéditos e extensos parágrafos,⁵⁹ nos quais busca estabelecer novas relações entre signos da literatura e os valores da classe que havia ascendido ao poder, a burguesia. Essas inclusões são feitas estrategicamente; um desses parágrafos liga os dois artigos de 1951, enquanto os outros dois aparecem ao final do texto. Ao lado de “Existe uma escritura poética?” (não publicado em *Combat*), é o maior texto do volume lançado em 1953.

O grau zero: prelúdio da crítica barthesiana

Como indica Éric Marty, “tudo começa com artigos”.⁶⁰ É nesse espaço privilegiado de experimentação, o jornal, que o pensamento barthesiano sobre a literatura ensaia sua escritura, sua gramática particular. Chamando a atenção para um quadro organizado por Barthes,⁶¹ Marty destaca que seus primeiros textos têm como intertexto Sartre, Marx e Brecht, e como gênero (desejo de escrever) a “mitologia social”. Caracterizam-se como “*intervenções* (mitológicas)” que, em *O grau zero da escritura*, têm por alvo a desmistificação da literatura, guardando, ela mesma, um mito fundador, o de Orfeu. Essas intervenções são, portanto, o que Barthes escreveu antes de começar a escrever “*ficções* (semiológicas), [...] estilhaços, fragmentos, *frases*; entre os períodos, evidentemente, há encavalamentos, voltas, afinidades, sobrevivências; são em geral os artigos [...] que assumem esse papel conjuntivo”.⁶²

Na passagem dos artigos ao livro de 1953, Barthes precisou desenvolver alguns dos pontos de sua introdução à história da escritura. A maioria das inclusões se encontram na primeira parte do livro, na segunda, há a inserção de “Escritura e revolução” e a utilização de partes dos artigos de 1947 em alguns dos textos, sobretudo quando as

⁵⁶ Ibidem, p. 135.

⁵⁷ Ibidem, p. 139.

⁵⁸ Ibidem, p. 135.

⁵⁹ Ver Ibidem, p. 135-136 e 138-139.

⁶⁰ MARTY, É. *Roland Barthes, o ofício de escrever*. Tradução de Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Difel, 2009. p. 127.

⁶¹ BARTHES, R. *Roland Barthes por Roland Barthes*. 2. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2017. p. 162.

⁶² Ibidem, p. 162-163, grifos do autor.

ideias de grau zero e de escritura branca são retomadas. Também percebemos que os subtítulos presentes nos artigos enviados ao jornal *Combat* foram suprimidos em favor de um fluxo textual, de uma coesão maior entre os textos. Assim, o que Barthes nos dá em *O grau zero* são ensaios. É essa a forma que prevalece, como conclui em 1977: “e se é verdade que, por longo tempo, quis inscrever meu trabalho no campo da ciência, literária, lexicológica ou sociológica, devo reconhecer que produzi tão somente ensaios, gênero incerto onde a escritura rivaliza com a análise.”⁶³ Uma forma *d'essayer*, como anuncia Nadeau em um de seus intertítulos, uma tentativa de construir uma história dos signos literários, mesmo que os exemplos sejam materialmente limitados – trata-se, sobretudo, da literatura francesa.

No processo de recolhimento dos artigos enviados ao jornal para a composição de seu livro de estreia, Barthes inclui algumas reflexões a respeito das escrituras políticas e da escritura do romance, temas que aparecem na primeira parte de *O grau zero*. Além disso, assinala, perguntando-se sobre a possibilidade de existir uma escritura poética, as diferenças entre a poesia clássica e a poesia moderna, identificando esta como uma língua irreplicável, saturada pelo estilo do poeta e surgida de um léxico de invenção, e aquela como uma técnica que não tem por função contestar a linguagem, mas combinar, ordenar um léxico de uso que é dirigido pelo poeta para expressar uma duração relacional.

Uma leitura do conjunto de correspondências entre Barthes e os editores da *Gallimard*, Raymond Queneau, Jean Paulhan e Marcel Arland, recolhido por Éric Marty e publicado em 2015, pode nos dar uma ideia do processo de organização e de reescrita dos artigos que comporiam *O grau zero*. Ainda em 1950, ano em que a série de artigos “Por uma linguagem real” é publicada em *Combat*, Barthes recebe uma carta de Queneau. Nela, o editor propõe a Barthes que ele apresente mais amplamente (em mais páginas) suas pesquisas e sugere que, no jornal, elas tenham sido abordadas de maneira esquemática; além disso, Queneau menciona a cadeira que ocupa na *Gallimard* e pergunta se Barthes poderia lhe enviar o manuscrito completo dos artigos.⁶⁴ A edição estabelecida por Marty não apresenta nenhuma resposta de Barthes a Queneau, mas, a partir da leitura das cartas deste para Barthes, sabemos que o manuscrito lhe foi enviado e que a editora recusou a publicação do livro.

Quase dois anos depois, em fevereiro de 1952, Barthes recebe outra carta de Queneau, na qual o editor comenta a falta de interesse das livrarias (e, conseqüentemente, da editora) pela publicação de um livro curto como *O grau zero*:

Do ponto de vista puramente editorial, é pouco provável que um livro tão curto seja publicado aqui. A difusão é difícil (isso não interessa às livrarias). No entanto, gostaria (ainda assim) de falar sobre isso aqui e tentar o “pouco” de sorte. Pode dar-me o seu manuscrito?
De qualquer forma, isso não o impede de publicar *a parte inédita* em *Les Temps Modernes*.⁶⁵

⁶³ BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. 14. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 7.

⁶⁴ BARTHES, R. *Autour du Degré zéro de l'écriture*. In: *Album. Inédits, correspondances et varia*. Édition établie et présentée par Éric Marty. Paris: Éditions du Seuil, 2015. p. 99-100.

⁶⁵ Tradução e grifos nossos. No original: “Du point de vue purement édition, il y a peu de chance que l'on publie ici un ouvrage aussi court. La diffusion en est difficile (cela n'intéresse pas les librairies). Cependant j'aimerais (toutefois) en parler ici et tenter le « peu » de chance. Auriez-vous l'obligeance de me communiquer votre manuscrit ?” QUENEAU, R. In: BARTHES, R. *Autour du Degré zéro de l'écriture*. *Album. Inédits, correspondances et varia*. Édition établie et présentée par Éric Marty. Paris: Éditions du Seuil, 2015. p. 100.

Essa carta indica que Barthes já havia produzido partes inéditas para o livro, seguindo a sugestão de Queneau na carta de 1950. Em março de 1952, o editor escreve que havia dado um parecer favorável à publicação do livro, mas que as objeções quanto à sua extensão, ainda muito breve do ponto de vista editorial, não permitiriam seu lançamento pela *Gallimard*.

Em janeiro de 1951, Jean Cayrol, consultor editorial da *Éditions du Seuil*, escreve para Barthes e lhe solicita o envio dos artigos publicados em *Combat*. Cayrol faria um ciclo de conferências na Inglaterra e gostaria muito de ter em mãos as reflexões de Barthes sobre a linguagem. Albert Béguin, responsável pela coleção *Pierres vives* e editor na *Seuil*, já havia enviado uma carta a Barthes em outubro de 1950; nela, o editor diz ter ficado vivamente impressionado com o artigo sobre o grau zero. A resposta de Barthes a Cayrol chega em fevereiro de 1951, nessa carta, Barthes escreve que lhe enviaria de todo o coração os artigos publicados em *Combat*, e que também os levaria a Béguin.⁶⁶

Ainda que tenha havido uma relação entre Barthes e os editores da *Gallimard* no período de elaboração de *O grau zero* e que essa troca de cartas tenha influenciado, de alguma maneira, a organização dos textos em termos de extensão e de criação, o livro só seria publicado em 1953, na coleção *Pierres vives*, pela *Éditions du Seuil*, com o apoio de Albert Béguin e de Jean Cayrol. A editora seria responsável pela publicação de diversos livros de Barthes, incluindo suas *Obras completas*, organizadas por Éric Marty.

Apesar do aspecto denso e difícil, os artigos de Barthes são colocados em destaque na seção literária daqueles números de *Combat*, ocupando, na maioria das vezes, o miolo da página e fazendo fronteira (com exceção de três dos nove artigos) com as célebres resenhas de Maurice Nadeau (trabalho que o havia promovido a responsável pela página literária do jornal). O artigo de 1º de agosto de 1947 parece condensar muitos dos temas e argumentos que reapareceriam no livro em 1953; sua pequena introdução é retomada na segunda versão de “A escritura e o silêncio”. As ideias do artigo de 26 de setembro aparecem em “Triunfo e ruptura da escritura burguesa”, de 9 de novembro, e “O artesanato do estilo”, de 16 de novembro de 1950. Os outros três artigos, publicados no mesmo ano, também seguem essa tendência, bem como os textos de mesmo título publicados em *O grau zero*. Parece-nos que há sempre uma insistência em Barthes, que é o que garante o deslocar de seu pensamento e a coerência de seus argumentos.

Ainda que com muitas limitações, nossa leitura pôde percorrer um estado anterior dessa particular linguagem barthesiana em sua tentativa de significar e denunciar a Literatura. Uma linguagem que busca o grau zero da escritura e a responsabilidade do escritor por sua forma, exercendo seu direito a uma certa fala. São reflexões severas, mas necessárias, que nunca perdem de vista a historicidade em que se inscreve cada escritura, cada movimento desse grande arsenal das formas literárias. O que Barthes nos mostra é que o escritor lida com a escritura literária, sendo a responsabilidade por sua forma a maneira consciente de trabalhar a linguagem. Há, nessa história das escrituras modernas, empenho e fracasso, mas há também ruptura e advento, o que garante sua utopia. Para Barthes, a multiplicação das escrituras faz da Literatura uma utopia da linguagem.

⁶⁶ BARTHES, R. Autour du Degré zéro de l'écriture. In: *Album*. Inédits, correspondances et varia. Édition établie et présentée par Éric Marty. Paris: Éditions du Seuil, 2015. p. 106-109.

Referências

- BARTHES, R. Le degré zéro de l'écriture. *Combat*, Paris, 1º ago. 1947, ano 6, n. 954, p. 2. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4749455q/f2.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BARTHES, R. Faut-il tuer la grammaire? *Combat*, Paris, 26 set. 1947, ano 6, n. 1001, p. 2. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4749502x/f2.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BARTHES, R. Triomphe et rupture de l'écriture bourgeoise. *Combat*, Paris, 9 nov. 1950, ano 9, n. 1975, p. 4. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4750477s/f4.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BARTHES, R. L'artisanat du style. *Combat*, Paris, 16 nov. 1950, ano 9, n. 1981, p. 4. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4750483h/f4.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BARTHES, R. L'écriture et le silence. *Combat*, Paris, 23 nov. 1950, ano 9, n. 1987, p. 4. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k47504890/f4.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BARTHES, R. L'écriture et la parole. *Combat*, Paris, 7 dez. 1950, ano 9, n. 1999, p. 6. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k47505010/f4.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BARTHES, R. Le sentiment tragique de l'écriture. *Combat*, Paris, 14 dez. 1950, ano 9, n. 2005, p. 7. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4750507g/f5.item>>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BARTHES, R. Le temps du récit. *Combat*, Paris, 16 ago. 1951, ano 10, n. 2213, p. 4. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t515839m/f4.item>>. Acesso em: 8 set. 2022.
- BARTHES, R. La troisième personne du roman. *Combat*, Paris, 13 set. 1951, ano 10, n. 2237, p. 4. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t515863g/f4.item>>. Acesso em: 8 set. 2022.
- BARTHES, R. *Le degré zéro de l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 1953.
- BARTHES, R. O grau zero da escritura. In: *Novos ensaios críticos e O grau zero da escritura*. 2. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 115-167.
- BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. 14. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BARTHES, R. Autour du Degré zéro de l'écriture. In: *Album. Inédits, correspondances et varia*. Édition établie et présentée par Éric Marty. Paris: Éditions du Seuil, 2015. p. 99-109.
- BARTHES, R. *Roland Barthes por Roland Barthes*. 2. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.
- CALVET, L.-J. *Roland Barthes: uma biografia*. Tradução de Maria Ângela Villela da Costa. São Paulo: Siciliano, 1993.
- MARTY, É. *Roland Barthes, o ofício de escrever*. Tradução de Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- MOTTA, L. T. da. Roland Barthes e seus primeiros toques de delicadeza minimalista. Sobre *O grau zero da escritura*. *ALEA*, vol. 12, n. 2, p. 233-247, jul./dez. 2010.
- MOTTA, L. T. da. *Roland Barthes: uma biografia intelectual*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2011.

SAMOYAUULT, T. *Roland Barthes: biografia*. Tradução de Sandra Nitrini e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora 34, 2021.

SARTRE, J.-P. *Que é a literatura?* 3. ed. Tradução de Carlos Felipe Moisés. Rio de Janeiro: Ática, 2004.

Recebido em: 30/04/2022

Aceito em: 31/08/2022